

J. M. COETZEE

# INFÂNCIA

*Cenas de uma vida na província*

*Tradução*

Luiz Roberto Mendes Gonçalves



copyright © by J. M. Coetzee, 1997

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Boyhood — Scenes from Provincial Life

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Julia Bussius

*Revisão*

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Coetzee, J. M.

Infância : cenas de uma vida na província / J. M. Coetzee ;  
tradução Luiz Roberto Mendes Gonçalves. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: Boyhood : Scenes from Provincial Life.  
ISBN 978-85-359-1645-4

1. Romance inglês — Escritores sul-africanos I. Título.

---

10-02448

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sul-africana em inglês 823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

**ELES MORAM NUM CONJUNTO HABITACIONAL** perto da cidade de Worcester, entre a estrada de ferro e a rodovia Nacional. As ruas do conjunto têm nomes de árvores, mas ainda não têm árvores. O endereço deles é avenida dos Choupos número 12. Todas as casas do conjunto são novas e idênticas. Estão situadas em grandes lotes de terra argilosa e vermelha onde nada cresce, separadas por cercas de arame. Em cada quintal há uma pequena edícula que consiste em um quarto e um banheiro. Apesar de não terem empregada, eles se referem àquilo como “o quarto de empregada” e “o banheiro de empregada”. Usam o quarto de empregada para guardar coisas: jornais, garrafas vazias, uma cadeira quebrada, um velho catre de couro.

No fundo do quintal, eles construíram um galinheiro e ali instalaram três galinhas, que deveriam lhes fornecer ovos. Mas as galinhas não produzem. A água da chuva, incapaz de se infiltrar na argila, forma poças no quintal. O galinheiro se transforma num lamaçal malcheiroso. As galinhas têm calombos feios nas pernas, que lembram pele de elefante. Fracas e infelizes, elas pararam de pôr. A mãe dele consultou a irmã em Stellenbosch, e ela disse que só voltarão a pôr se eles cortarem as cascas duras que ficam embaixo da língua. Então a mãe segura as galinhas entre os joelhos, uma a uma, aperta o papo até abrirem o bico, e com a ponta de uma faca de descascar legumes cutuca-lhes a língua. As galinhas gritam e se debatem de olhos arregalados. Ele tem arrepios e se afasta. Lembra-se da mãe batendo a carne para o ensopado no balcão da cozinha e cortando-a em cubos; lembra-se dos dedos ensanguentados dela.

As lojas mais próximas ficam a dois quilômetros, indo pela estrada monótona, ladeada de eucaliptos. Presa naquela casinha

no conjunto habitacional, a mãe não tem o que fazer o dia inteiro além de varrer e arrumar. Toda vez que sopra o vento, uma poeira fina de argila ocre penetra sob as portas, passa pelas frestas das janelas, por baixo dos beirais, através das juntas do forro. Depois de um dia inteiro de tempestade, alguns centímetros de terra se amontoam contra a fachada.

Eles compram um aspirador. Todas as manhãs a mãe arrasta o aspirador de quarto em quarto, sugando a poeira para a barriga roncadora, sobre a qual um duende vermelho e sorridente parece saltar uma barreira. Um duende, por quê?

Ele brinca com o aspirador, rasgando papel e vendo voar as tiras para dentro como folhas ao vento. Segura o tubo sobre uma trilha de formigas e as suga para a morte.

Worcester tem formigas, moscas, infestações de pulgas. Worcester fica a apenas cento e quarenta quilômetros da Cidade do Cabo, mas aqui tudo é pior. Ele tem um círculo de picadas de pulga nas pernas, acima das meias, e feridas nos lugares em que coçou. Certas noites não consegue dormir de tantacoceira. Não entende por que precisaram sair da Cidade do Cabo.

A mãe também está impaciente. Se pelo menos eu tivesse um cavalo, ela diz, poderia ir cavalgar pela savana. Um cavalo!, admira-se o pai. Você quer ser Lady Godiva?

Ela não compra um cavalo. Em vez disso, sem avisar ninguém, compra uma bicicleta, modelo feminino, de segunda mão, pintada de preto. É tão grande e pesada que, quando ele a experimenta no quintal, não consegue girar os pedais.

Ela não sabe andar de bicicleta; talvez também não saiba andar a cavalo. Comprou a bicicleta pensando que seria fácil sair pedalando. E agora não encontra ninguém para ensiná-la.

O pai não consegue esconder a satisfação. Mulheres não andam de bicicleta, ele diz. A mãe continua a desafiá-lo. Não quero ser uma prisioneira nesta casa, ela diz. Serei livre.

No começo, ele achou maravilhoso que a mãe possuísse uma bicicleta. Chegou a imaginar os três pedalando pela avenida dos Choupos — ela, ele e seu irmão. Mas agora, ouvindo

as piadas do pai, que a mãe retribui apenas com um silêncio obstinado, começa a hesitar. Mulheres não andam de bicicleta — e se o pai tiver razão? Se a mãe não encontrar alguém disposto a ensiná-la, se nenhuma outra dona de casa de Reunion Park tiver uma bicicleta, talvez as mulheres realmente não devam andar de bicicleta.

No quintal atrás da casa, a mãe tenta aprender sozinha. Com as pernas estendidas até o chão, ela roda pelo caminho que vai até o galinheiro. A bicicleta se inclina e para. Como o modelo não tem o cano do meio, ela não cai, só tropeça um pouco de um jeito bobo, agarrada ao guidom.

O coração dele se volta contra ela. Naquela noite junta-se ao pai na zombaria. Sabe muito bem que é traição. Agora a mãe está sozinha.

Mas ela acaba aprendendo a pedalar, mesmo que de modo hesitante, sem equilíbrio, esforçando-se para girar as pesadas catracas.

Ela faz suas expedições a Worcester de manhã, quando ele está na escola. Só consegue vê-la uma vez, rapidamente, com a bicicleta. Está usando uma blusa branca e saia escura. Desce a avenida dos Choupos em direção à casa. Os cabelos ondulam ao vento. Ela parece jovem, quase uma menina, jovem e viçosa e misteriosa.

Toda vez que o pai vê a pesada bicicleta preta encostada à parede, faz uma piada. Nas piadas os moradores de Worcester interrompem seus afazeres e olham espantados a mulher que passa esfalfando-se na bicicleta. *Créc, créc*, eles gritam, caçoando: Força! As piadas não têm a menor graça, mas ele e o pai sempre riem juntos. Quanto a sua mãe, ela nunca tem uma reação, não possui esse dom. “Podem rir se quiserem”, diz.

Então, certo dia, sem explicação, ela deixa de andar de bicicleta. Pouco depois a bicicleta desaparece. Ninguém diz uma palavra, mas ele sabe que ela foi derrotada, posta em seu devido lugar, e sabe que em parte a culpa é dele. Um dia vou me redimir, promete a si mesmo.

A lembrança da mãe na bicicleta não o abandona. Ela pedala

pela avenida dos Choupos fugindo dele, fugindo em direção a seus próprios desejos. Ele não quer que ela vá. Não quer que tenha desejos próprios. Quer que esteja sempre em casa, esperando que ele volte. Nem sempre se alia ao pai contra ela: está muito mais inclinado a apoiar a mãe contra o pai. Mas nesse caso fica do lado dos homens.